

QUINTA-FEIRA
Lisboa--15 de Setembro-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

69

sempre

five semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. T. 152, 153, 16
RUA DA ROSA, 57

PROPAGANDA NO ESTRANGEIRO



LONDRES, 9—O ex-rei D. Manuel obteve 16 premios na exposição de horticultura, especialmente em tomates e batatas.

(Dos jornais).

Não ha fome que não dê em fartura...



Os ditos da semana



Andando a tomar banho uma rapariga inglesa, solteira ainda, mas já com uma decidida vocação para sogra, agarrou-se ás barbatanas dum tubarão, subjugou-o e conduziu-o para terra, onde o mataram.

Com um homem, aquilo não seria possível.

O tubarão, como toda a gente sabe, só ataca o homem depois de se ter virado de barriga para o ar, porque tem a boca situada na parte inferior do corpo, isto é, por debaixo do queixo, permitasse-nos a expressão.

Sem aquela reviravolta, o tubarão é um animal inofensivo, tão inofensivo como todos os outros que a *Protectora* protege, até á altura em que deixam de ser, por exemplo—bois—para passarem a ser hifes de cebolada.

A rapariga, apenas se deu o encontro, talvez por uma questão ancestral de princípios, meteu-se debaixo do bicho, coisa que nenhum tubarão, por mais esperto que fosse, poderia esperar e, quando o animal se voltou, ficou tão surpreendido por não ver ninguém, que se deixou tomar dum terror panico e agarrar como se fosse um manso cordeirinho daqueles com que a *Protectora* se protege contra a fome, sob a forma de costeletas panadas.

Qualquer homem em situação idêntica, ter-lhe-ia saltado para cima e estava irremediavelmente perdido. Nem os botões do casaco se lhe aproveitavam. Coisas que só as mulheres sabem! Chega a parecer impossível que, só por saber escolher posição, a mulher seja capaz de domar um animal feroz.

Já com os homens succede muitas vezes a mesma coisa... E' o que se chama fazer das fraquezas, forças.



O tumulto de Atila, chefe dos hunos que devastaram o mundo, foi agora descoberto. Passados tantos seculos, quando descansava no sono eterno, o homem que não deu nunca um momento de descanso a ninguém, sente-se despertado pela picareta de uma brigada de trabalhadores. Dentro do seu triplice caixão—um de ferro, um de prata e outro de ouro—Atila deve ter-se mordido de raiva ao reconhecer a sua impotência contra meia duzia de trabalhadores inertes, ele, que

nunca recuou diante de milhares de homens armados.

Atila não foi bastante atilado, escolhendo sepultura num local que podia ser, como foi, devassado. E, como supremo escarneo, num gesto de desafronta, a humanidade vai fazer passar um canal de irrigação onde Atila fez correr rios de sangue das suas victimas.

Com que diabolico prazer não irão os homens d'hoje, cada um dentro das suas posses, aumentar o caudal da corrente!...



Pior que o diluvio universal, pior do que a peste, pior do que a fome e a guerra, é a descoberta anunciada pelo dr. Voronoff, para prolongar a vida humana 150 anos. Matem já esse homem—verdadeiro flagelo que os fados

deitaram ao mundo para castigo dos povos!

A vida é negra e o mundo um vale de lagrimas, sede de todos os sofrimentos, cuja unica compensação, cuja unica alegria estava na morte. A gente vivia dias de amargura, mas tinha sempre uma esperança—que viesse um dia a morte libertar-nos. Agora dissipou-se a esperança redentora.

O *Sempre Fixe* não pôde conformar-se com mais esta desgraça tremenda.

Perder a certeza de que o nosso mercieiro ha de ir, dentro em breve, vender asucar com serradura e manteiga com margarina, aos vermes da terra fria, é um desgosto tamanho, que não tem consolação.

Ha males que não tem remedio.

Então nós havemos de continuar a lêr tantos romancistas e tantos poetas que para ahí enxameiam? Estaremos

porventura condenados a aturar os jornalistas que nos fazem perder a cabeça quando perdem os braços e os sentidos? Havemos de ficar eternamente amarrados aos paineis de S. Vicente, sem lhe poder mudar o nome, apesar de aparecerem documentos que, pelo branco no preto, nos veem afirmar que o santo mudou de sexo?

Então isto continua tudo na mesma, com a mesma gente, sem uma modificaçãosinha que deleite pela variedade? Por acaso o sr. Antonio Cabreira ha de continuar matematico. cavaleiro de Santa Maria do Castelo e outras damas, e conde de Lagos?

Porventura teremos que ouvir cento e cinquenta anos o Pinheiro Maluco anatematizar os *porcalhões dum povo*? Teremos que ouvir cento e cinquenta anos, as meninas nossas visinhas, matraquear ao piano as *Rosas* e o *Charlston*? Então não morre dentro de cento e cinquenta anos essa gente da ponte sobre o Tejo, da Companhia de Moçambique, da Assucareira do Umbe-luzi, da Companhia dos Tabacos e da Companhia dos Fosforos? Ah! não! Isto não pede ser. A gente quer socego, quer gente nova, quer ter a alegria de ver morrer quem nos explora, quem nos envenena e, já agora, quem nos quer prolongar a vida cento e cinquenta anos.

E se não ha remedio para a vida, se não se pode evitar que o dr. Voronoff perpetre o crime nefando de a prolongar a todo o fiel patife que lho pague, então, salta morte para um, que nós vamos andando adiante, enquanto é tempo, Safa! Ter que gramar a mesma peça, sempre com os mesmos interpretes, durante cento e cinquenta anos!...



O *Sempre Fixe*, que vai com vida longa, prestes a chegar ao numero oitenta, tem recebido nos ultimos dias calorosas felicitações anónimas, que, nem por o serem, deixam de sensibilisar-nos profundamente.

O *Sempre Fixe* sente aumentar de numero para numero a simpatia do publico e em cada um deles procura sempre tornar-se digno dessa simpatia. A'queles que nos saudaram pela longa vida que já temos a mesma sorte desejamos. Assim pensam eles fazer o que nós hoje fazemos.



Sexo fraco e sexo forte

Coisas de hoje



—Então, vamos a saber quais são as vossas reivindicações?...

—Queremos que nos permitam usar as saias curtas.



—Fritz, quem foi que venceu os filisteus?

—Não lhe posso dizer. Não tive tempo de ler a cronica de sport.

CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magníficos almoços à Francaza
JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife à Chic

(especialidade)

Esplendido café

Escolhida frequencia

AMOR E GLORIA

Autobiografia dum futurista encravado

Naquella tarde — lembra-me bem — carrancudo e austero, o velho desceu ao rez-do-chão e disse á minha boa ama:

—Senhora Gloria, partimos amanhã. Tenha tudo pronto.

E enquanto ele se dirigia para o escritorio, a velha ficara enxugando as lagrimas ao avental de ramagens.

—Porque chora, senhora Gloria? — pergunto-lho aflito. — Acaso vamos deixar a aldeia?

—Não,—respondeu ella,—nós não... O menino é que se vai embora... Vai para o Colegio...

E não poudo acabar a frase porque os soluços embargavam-lhe a voz.

—Porque chora assim? Onde é o Colegio, sr.^a Gloria?

—É em Lisboa. O menino Gerardo vai para o Colegio de Campolide...

Nesse instante, senti que as pernas me tremiam e entrei a soluçar.

Pois quê! Eu, pobre criança, habituada ao ar livre, criada no campo entre arvores e montes, ia ser enclausurada nas quatro paredes dum casarão sombrio a que chamavam colegio?!

Porquê? Em nome de que principios queriam torturar-me? Eu, que gostava de meter-me dentro das capoeiras das galinhas, que andava atrás dos porcos e trazia teias de aranha nos cabelos e bosta nos sapatos, podia lá entrar num colegio, pôr-me em contacto com a civilização, ao lado das outras crianças, fatalmente presumidas e vaidosas?

Bati o pé, protestei e a minha natureza montesinha rebelou-se contra a vontade despótica do meu avô, esse velho austero de barbas brancas, que eu de tamanho me costumava a reverenciar, de quem tinha muito medo, mas quasi nenhuma amizade.

—Não vou, sr.^a Gloria, não vou! Eu nada tenho que fazer em Lisboa! Aqui tambem ha collegios...

—Vai, sim, menino Gerardo... Vai aprender muito nos livros, estudar muito...

E a boa Gloria sentava-me nos joelhos, como quando me contava a *Historia das Cinco Moedas de Ouro...*

—Não desobedeça ao avôsinho, que só quer o seu bem. Vai aprender a ser um homem. Ora vai, sim?...

Eu, com uma bôca muito feia, as lagrimas a deslizarem-me pelas faces, olhava a velhota, que deliziava-se ser forte, incutir-me animo, sorrir-me,

mas que acabava, vencida pelo desgosto, agarrada a mim a soluçar, sem poder habituar-se á ideia daquele terrivel apartamento. A' ideia de perder o seu menino...

O que eu soffri! Ia deixar a minha vida livre, a solidão do campo, a bendita ignorancia das coisas, — para ir aprender nos livros a montira, o odio, a descrença, a inveja e tudo o mais que os homens aprendem—a dôr humana!

Chorei perdidamente, compungidamente, enquanto a boa Gloria me dizia, na sua voz acariante como vedado:

—O meuino não chore; ha de vir cá todos os domingos. Eu vou buscá-lo, e é uma festa, verá...

Fui-me calando. Apoderou-se de mim uma grande, invencivel tristeza e nesse instante odiei o meu avô.

Para me distrair, ia ajudando a velhota a encher uma grande mala com roupas do meu enxoval.

O profacio da tragedia da minha vida ia-se escrevendo no livro do destino.

Com que trizeza passet o resto da tarde! Mal toquei no jantar. Quando me deitei, na solidão do meu quarto, não poudo adormecer um instante. Ao outro dia, de madrugada, como um pintasilgo, abri as capoeiras e fui despedir-me das galinhas, que pareciam olhar-me tristes, dizendo:

—Que grande galinha com que estás!...

No cortêlho encontrei um porco muito escamado por saber que eu mo ia embora.

Corri ainda uma ultima vez pelos campos, despedi-me dos passarinhos, dos escaravellhos, etc., e, ao voltar a casa, a minha Gloria vestiu-me um fatinho de riscado muito bonito, fez-me o laço da gravata, a riscou do cabelo e pôs-me o chapéu de palha na cabeça.

Meu avô, carrancudo e austero, rabujava, invectivando a pobre senhora.

—Que se estava fazendo tarde. Que era urgente sairmos! Que não me fizesse lorpá!

E mal me deixou engulir o café e as torradas com manteiga, indifferente ás minhas lagrimas, nos meus soluços...

(Continua).

Geraldo Sem-Mêdo.

Bric-á-Brac

A mania das alturas

Anda muito falado nos jornais
Um aviador que teve a impostura
De dizer que subira a alturas tais,
Que vencera, subindo, a todos mais
Que andam em busca do record da altura.

Foi a treze mil metros d'altitude,
Fendendo a prumo a limpidez do anil;
Mas o barografo, a quem não se ilude,
Matematicamente certo e rude,
Diz que foi, quando muito, a quatro mil

Isto provoca indignação, risota,
E penso muitas vezes, com tristeza,
Quanto az, quanto génio, quanto idiota,
Não sobe simplesmente por batota
No céu da ingenua terra portuguesa!...

Entre tanto impostor, tanto impudente,
Uma certa pessoa ha, entre tantas,
De quem hoje duvida toda a gente.
Porque é que se não pôe, prudentemente,
Um barografo certo ao Julio Dantas?...

João Fernandes.



—Não viste quanto a urso me oferec'a pelo peixe? Mais do dobro tenho eu que dar á manicur.

Querem lunchar bem e ceiar melhor?

Vão á ARGENTINA

Rua 1.º de Dezembro, 75

UMA ENTREVISTA



—Será então a ultima revolução a que teremos a honra de assistir?...

—Certamente?... Se ás primeiras não ficar tudo arrazado com a metralha...

... usaremos os processos modernos: gazes, granadas incendiarias, etc. Não fica nada em pé!



Fitas Faladas

Terminada a época estival, o Tivoli dispõe-se a gozar umas curtas férias, bem ganhas, em que fará a sua *folleto* de cinema assado e chique, que se preza de ser o 6. Mas como o Odéon promete inaugurar a 15 do mês que corre, *clêre, vóá, entra na tenda e conta...* reabrir, estrondosamente, a 3 de Outubro, com a *Carmen* de Raquel Melker.

No programa de despedida, dedicado á colonia brasileira, exhibe-se a primeira fita *di lá* que vimos correr nas telas *di cá*. É um documentario que a *Independencia Omnia Film*, de S. Paulo, filmou nas margens do rio Tiété, afluente do Paraná, para a serie de propaganda *O Brasil Grandioso* e que intitulou: *Nos Sertões do Avanhandava*.

Trata-se duma maçada... perdão!... duma caçada feita no imponente scenario natural dos sertões paulistas, que não se parece nada com a Calçada dos Paulistas... Através duma confusa fotografia e duma *t'ntagem dá-de-peitaca*, podemos assistir ao desenrolar de paisagens dignas de melhor tecnica, que fizesse salientar a sua grandiosidade, verdadeiramente enorme.

A documentação pisco-venatoria é, no entanto, original, podendo vê-se curiosas pescas de veados e de antas e não menos curiosas caçadas duma onça de tabaco francês, dum tamanduá-bandeira encarnada e verde, dum cateto e duma hipotenusa...—como diria o meu colega Caco Velho. As legendas, bem redigidas e bem intercaladas, envergonham as lidas ditas. A poesia rude do sertão, que a fotografia não soube valorizar, é bem melhor tratada nos versos de Paulo Setubal e Paulo Gonçalves.

O Lavrador do Texas, adaptação da comedia *Kolportage* de George Kaiser, realiza o ideal cosmopolita, pois é um filme americano realizado por alemães em paisagens suecas. A tecnica do João May é perfeita, sendo admirável a scena do salvamento. De resto, tudo se pode resumir em três letras: U. F. A.

A interpretação, feliz. Foi no entanto necessario recorrer a interpretes *yunkés* para não estragar o arranjinho boche. Assim, a America expediu Edward Burns (Erik), que até agora se chamava Edmund e que vimos, em poucos meses, saltitar da *Erka* para a *P. D. C.* e para a *Ufa*, o Paulino Garon (Abby Grant). Germanos, apenas: Willy Fritsch (Akke), Christians (Mabel) e Lilian Hall Dahans Junkermann (o Barão) e Frieda Richard (Condessa Jutta). Mady Christians (Mabel) e Lilian Hall Davis (Alice), sempre bem. O argumento é bem dinamizado, emocionante e, como os leitores podem vêr, incapaz de me ajudar na triste missão de ter graça.

Raul Lopes Freire tem o monopolio dos sub-titulos. *O Lavrador do Texas* chama-se tambem: *O Filho Trocado*. Para quê? Um sub-titulo é prejudicial e ofensivo, pois ridiculariza a legenda e elucida maliciosamente o espectador, que prefere saber sosinho do que se trata e é muito capaz disso. A não ser que, dada a terminação um pouco prematura do ouredo, o legendista queira explicar que cada um dos filhos foi trocado... em miúdos pelo processo legal do himenco com as duas galãs.

Tambem não gosto daquele Far-West improvisado na Escandinavia. Vou passar a mandar vir o bacalhau do Texas...

Retardador.

UMA ANEDOTA POR SEMANA

Caçador de leões

Quando o novo governador chegou a Angó'a, logo lhe exaltaram o valor e a intrepidez de José Lopes, destemido caçador de leões, ha dois anos retirado das lides venatorias em virtude da sua idade avançada.

—Que pena V. Ex.^a não ter vindo dois anos mais cedo!...

O governador quiz saber como ele caçava os leões.

—De noite—explicaram-lhe—colocava-se José Lopes no sitio da passagem do leão, devidamente armado, e depois de se ter morto qualquer animal pequeno e de se ter espalhado pelo mato a carne fresca e ensanguentada para chamariz e para obrigar a fera a uma pequena demora que permitisse uma boa pontaria.

José Lopes era exímio. Logo que, na escuridão da noite, luziam como dois farões os olhos do leão, metia a arma á cara e, quando o tinha a geito, desfechava-lhe um tiro certo entre as duas luzes, que oram os dois olhos da fera, atingindo-a em pleno cerebro e dando-lhe morte instantanea. Aquilo era maravilhoso, porque nunca falhava.

E, tendo o governador manifestado grande magua por não lhe ser dado gozar tão surpreendente espectáculo, lá conseguiram levar o José Lopes a, pela ultima vez, matar um leão para divertir o governador.

Preparou-se tudo cuidadosamente e, dentro em pouco, ouvia-se o rugido do leão no mato. Os corações bateram mais apressados. O governador aguardava no seu automovel a façanha admiravel. A pouco e pouco os rugidos aproximavam-se e, de repente, brilharam na treva os olhos do leão. E' agora. Um momento de panico. E um tiro partiu. Com grande espanto de todos, o leão continuava avançando. Novo tiro.. E o leão avançando sempre. Ainda outro tiro e outro e outro e as duas luzes dos olhos do leão avançando sempre vagarosamente. José Lopes teve de fazer dez tiros para matar o leão, quasi á queimadura, quando, apesar do escuro, se distinguia já o vulto da fera. Ninguém sabia explicar o insuccesso.

Só depois, á luz de archotes, se descobriu o enigma. Tratava-se dum leão velho, sabido e matreiro, conhecedor de que José Lopes apontava sempre ao intervalo dos olhos e que, para se precaver, andava munido de uma lanterna electrica, com a qual fingia um olho, depois do ter fechado um dos seus, para que a bala, passando entre o olho verdadeiro e o fingido, o não pudesse atingir.

Esta historia autentica é garantida por pessoas que a ela assistiram e viram com olhos tão verdadeiros como os do leão.

MOEDA FALSA



Els aqui os engenhosos instrumentos com que os espertalhões faziam moeda falsa

BOM HUMOR

Entre amigas:
—Vejamol! Deves retirar o teu pedido de divorcio. O teu marido, no fundo, tem um bom coração...
—Poiz sim, mas é um coração que bate muito depressa...

Num restaurant:
—Rapaz! Os linguados estão frescos?
—Desculpe, senhor, mas não posso dizer. E' segredo profissional...

Entre elegantes:
—Como é curioso! Ha dez anos que não nos viamos. Reconheceste-me logo?
—Logo! Bastou-me olhar para o teu chapéu...

Em casa da sogra:
—Porque não vem o meu querido genro jantar comigo para a semana?
—Impossivel. Tenho um enterro combinado...

Na rua, um pobre coxo, que se delecta numa caranguejola, é interpelado por um policia:
—Retire-se, se não sou obrigado a multá-lo.

O aleijado:
—Como peão ou como automobilista?

O alfaiate:—Então o senhor pagou hoje ao meu colega, devendo-me ha mais dum ano dois fatos...
O devedor:—Quem disse ao senhor que lho tinha pago?! Quem inventou essa calunia?

No hotel:
O criado:—Só temos um quarto com duas janelas... 40 mil réis...
O viajante:—E sem janelas?

O mendigo:
—Minha querida senhora! Aproveite a ocasião para fazer uma obra de misericordia. A'manhã já é tarde! Tenho que liquidar o negocio...

—Quero ser gentil para si. Perdão-lhe metade da divida...
—Sinceramente lhe agradeço, mas como quero ser generoso com você, entrego-lhe a outra metade...

A patrã:
—Não vale a pena estares triste por teres partido as jarras... Não foi de proposito...

A criada:
—Como é agradável poder trabalhar nesta casa á vontade...

Na prisão:
—Porque está preso?
—Bati na minha mulher. Três meses de carcere!
—Foi muito mal feito.
—Tem razão. Foi uma grande pena para um delito tão pequeno...

Como o sr. Timoteo se vê livre de visitas massadoras



O relógio

«O sr. dr. Anibal de Castro e um engenheiro alemão estiveram ontem, no Governo Civil, a oferecer á Policia de Segurança Publica uns aparelhos semelhantes a relógios de senhoras e que, applicados aos pulsos dos individuos embriagados, fazem desaparecer as bebedeiras mais perigosas.

O certo é que, segundo parece, a Policia vai adquirir esses relógios, para mais eficazmente fazer guerra aos alcoolicos.»

(Dos jornais).

Vejo entre os diversos temas
Dos jornais que hoje compulso,
Que a Guarda muda os sistemas,
Substituo as algemas
Pelos relógios de pulso.

Não lembra nem ao diabo
O que a Policia ora manda;
Ninguém obriga um borracho,
Que fica que nem um cacho,
A saber ás quantas anda!...

Por mais certo e pontual
Que tanja o sino de bronze
Na torre da catedral,
O borracho é natural
Que fique entre as dez e as onze!...

João Fernandes.



—Não vês esta noticia?
—E' uma intrujice. Ficou-lhe do emenda; se ele f'zesse como eu, que mandei chamar o Herbert Dias, da Modern Office, não ficava tão mal servido, pois é o unico que arranja as maquinas com competencia.

A NOVELA DO "FIXE"

O enxerto de macaco

Que Deus me perdõe se eu, por brincar com coisas sérias, mereço ser castigado. E, mais ainda por bulir com um caso grave na familia.

Sou a criatura mais pacifica que ou conheço, mas, num repente, ninguém me livra de um impulso grande. Quero eu dizer na minha: sou incapaz de atacar, mas conheço que tenho figados para a defeza mais terrivel deste mundo.

Eis a razão porque nunca usei pistola, nem canivete, e, todas as bengalas que me tem oferecido, as perco, providenc'almente e com uma facilidade incrível.

A natureza não me deu a musculatura necessaria para me defender e, por tal, tenho sofrido alguns pequenos dissabores, seguindo, mau grado meu, a frase de Cristo:—*Se te derem uma bofetada na face esquerda, resigna-te e dá a direita...*

Não é por cobardia, é claro, mas, sim, por calculo da minha fraqueza.

Em face desta minha confissão, vosselencias calculam que, se audasso armado, quantas pessoas já eu teria embalado desta para melhor, e, se eu não tivesse o costume de perder as bengalas, quantas cabeças teria rachado!...

O que me aconteceu com as bengalas acontece-me com o guarda-chuva. Perco-os todos, o que me tem valido uma dose anual de reumatico, com juro de juro, tolhendo-me cada vez mais os movimentos.

Ora eu, com a idade a avançar,, mais necessito de uma arma de defeza, muito minha, muito propria, coisa que se não perca, o creio que não só eu, como todos, já a podem obter, segundo resa a sciencia medica moderna.

Vem isto a proposito dos enxertos

de macaco, que hoje se fazem com grande resultado.

Que somos incompletos, não resta duvida. Na parte do fato, por ser questão de agasalho, enfim, passa; mas possuirmos uma arma de defeza sem sermos incomodados pela policia, a podir-nos a licença de porte da dita, é que é a minha questão. Nesta parte é que está, a meu vêr, a utilidade do enxerto, como passo a expôr:

Quando o macaco estiver anestesiado para ser util á humanidade, aproveita-se-lhe o sono e nós, que temos todos os sinais, no fim da medula, de termos tido um rabo nos antepassados, nada mais facil do que enxertá-lo...

Se péga, péga, se não péga é graça... E se péga, meus caros leitores, é a desforra das bengalas que tenho perdido...

Só esta vantagem: Um sujeito vai, do passeio, muito descansado da vida e aparece-lhe um cavalheiro que merece um correctivo. Que faremos nós, sem receio da policia? Trazemos o nosso proprio rabo enrolado na algibeira das calças e, em dado momento, préga-se-lhe com ele nas ventas! Que alivio!...

De resto, será o desforço mais desproporavel para o alvejado... Mais desproporavel e mais leal...

E quando encontrarmos mais tarde, uma outra vez, o insolente, podemos dizer afoitamente a qualquer amigo, apontando-o:

—Olha: vês aquele tipo que ali vai? Já lhe preguei um enxerto com o meu rabo na tromba, que foi uma consolação!

Eu, por minha parte, se vierem mais macacos para deglandular, sujeito-me á operação. E vosselencias?...

José Barbosa.

Elevador da Gloria

Quando, ha muitos anos, foi inaugurado o elevador da Gloria, um dos primeiros a tomar, impacientemente, o assento foi o sr. dr. Julio Dantas. Descarrilou o antigo regimen; o novo começou a subir a ladeira, com certa dificuldade. De vez em quando faltava a corrente; o veiculo parava — os passageiros saíam, mas o sr. dr. Julio Dantas permanecia sorridente, florido, republicano liturgico, comendo a meia dose da sua literatura feminina. Aos quarenta anos, como o seu organismo robusto, acusa-se sinais de evidente fraqueza, agarrou-se *Madamame X* e falou-lhe ao ouvido. M... era o seu ultimo grito de paixão.

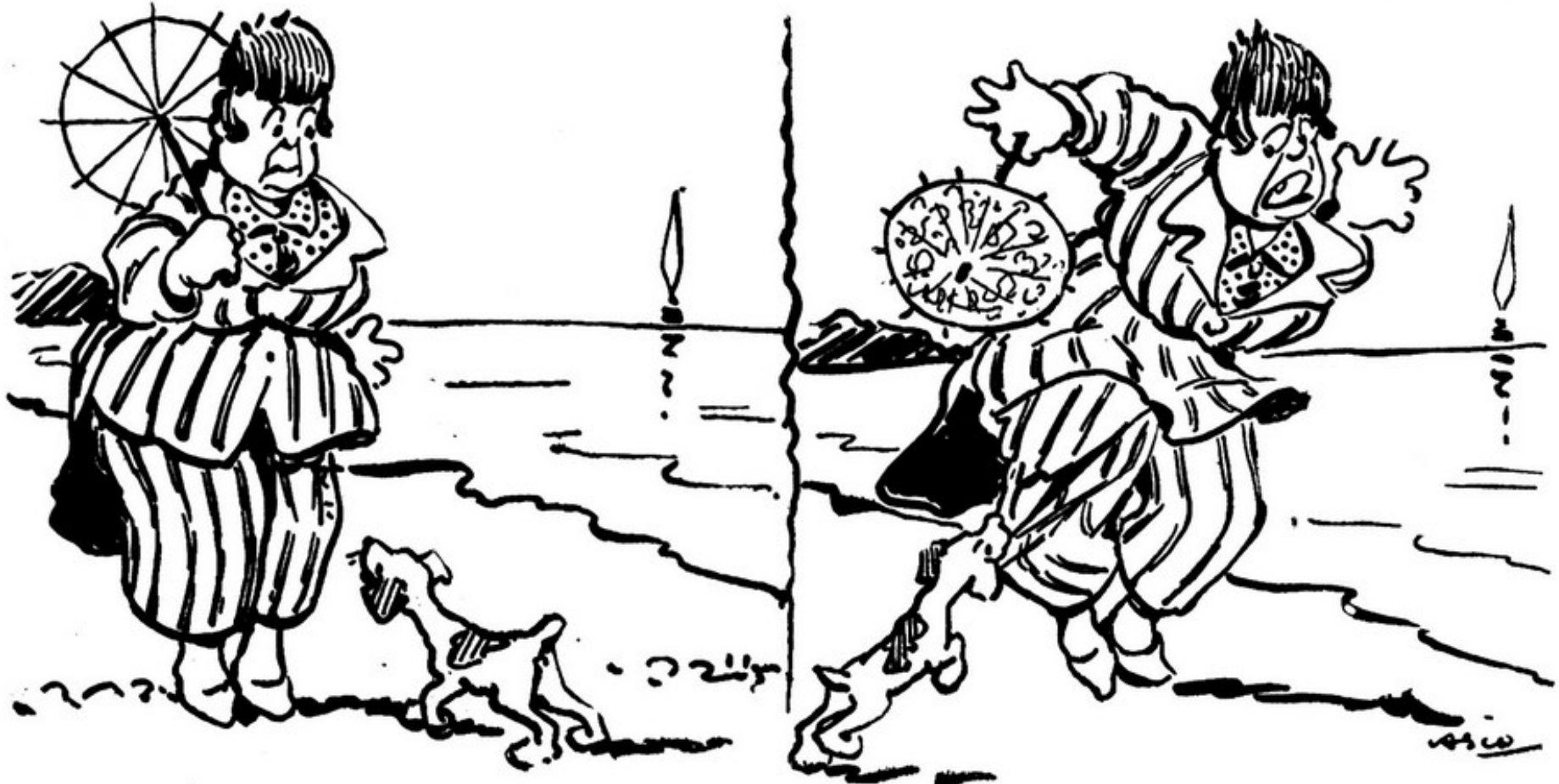
Julio pouco depois emudecia. Ainda tratou a *Eva*, mas era a eva de outros. Alquebrado, retirou-se do Farraizo. Hoje, o *Galo de Apolo* não canta, cacareja. Arrasta a aza depenada pelo Chido, passando mudo e quêdo para o Calhariz. E, como todos os cam'nhos vão ter a *Londree*, ainda espera lá voltar—mesmo que os outros *voltem*.

* * *

Alfredo Pimenta é o homem que mais lê e menos escreve em Portugal. Compra todos os livros:—filosofia, arte e literatura. Republicano no bom tempo, monarchico no melhor da festa, a sua elegancia captiva umas luvas brancas, herdadas no espolio dum carvoeiro, e tem uma sensibilidade de orquidea. Qualquer sopro a mac'la, a revolta, a enxovalha. Foi de dia ao *Dia* e de noite á *Epoca*, mas já não quiere ter *Voz* por causa das moscas. Pensionista das literaturas estrangeiras, Pimenta não usa do apelido. E' assucar pilé. Serve para todos os rebufados. Chupase mas não miolo...

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

A MODA DO PIJAMA NAS PRAIAS



Impõe graves responsabilidades...

mas não dá grandes compensações

CANÇÃO NACIONAL

FADO DOS VINHOS

Alentejo

Em vinhos de montada, a pais tem um tesouro, desde os vinhos da Bairrada aos vinhos finos da Douro.

Glosas

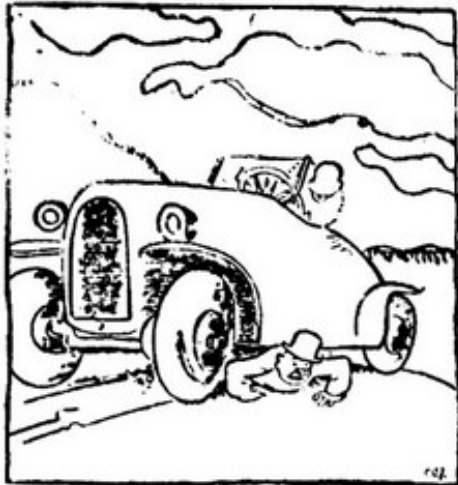
O vinho, nectar precioso fabricado em Portugal, dá abito a qualquer mortal, e se a beberes és ditoso quer seja branco ou espumoso. Ha tanta vinha espalhada, ha tanta e tanta tachada, que é Portugal todo inteiro conhecido no estrangeiro em vinhos de montada.

O Sotomaior e o Lavandão e o verde de Monsanto, o de Braga e o de Galão e os caudais do Rio Frio. O Terres é ouro em fio nas azeitonas, vinho loiro d'Alentejo dá um estouro se não tiver disselos, isto, junto ao Caravelhas, a pais tem um tesouro.

Se quizeres que a magua espaires, bebe o vinho d'Anaraz e, que é cor de sangue espumante, ou então o Serradares. O Bacelos, sem desaires, o vinho da Metalhada. Em toda esta misturada, para os males esquecer, quizeras tanto beber desde o verde da Bairrada.

Entre os vinhos preciosos, tens o Porto e o Madeira, que de desigual maneira quaisquer são bem preciosos. Dão-nos sonhos deliciosos, bacchantes cantando em coro, e o riso é que vence o choro, de Baccho tem o mandado, não ha nenhum comparado aos vinhos da Alta Douro!

Reporter B.



A automobilista:—Cavalheiro, o sr. ve'o a proposito. Faça favor de vêr se funcionam bem os freios.

AFOGADO



De como se morre da cura

O TEATRO FÓRA DO PALCO

SCENAS TRISTES QUE FAZEM RIR

Antonio Pedro

Colocaremos em primeiro lugar o mais valoroso e menos engraiçado dos actores portuguezes: Antonio Pedro de Sousa.

Quem não conheceu o bonacheirão, o modesto, o Nossa-Senhora-Não-To-Rales, dó Antonio, o mais belo genio do nosso teatro, não pode abrigar na mioleira a mais pequena ideia dos maus genios que vão por esses tabladões de Lisboa. São genios que a gen-



te tem de fazer com os seus olhos, mal se lhes divisa os nomes nos cartazes.

Pois o nosso Antonio, que dentro do palco era um talento privilegiado, cá fóra não passava dum semsaborão de marca acima do anzol. Não deixava, porém, de ter a sua cota—em dia—parte anedotica. Escolhere-mos, pois, algumas das scenas que nos pareçam mais proprias para se publicarem, deixando ao leitor a liberdade de preencher os pontos reticenciais com as letras que julgue pertencer-lhes, visto que as facecias de homens deste meio sejam mais para se contar do que para se deprender.

No velho Trindade, trabalhava um destes artistas que ontram, passeiam e saem calados porque, quando abrem a bôca, ou entra mosca ou sai asneira, que todo se preocupava com a indumentaria para encobrir ou amenizar a ausencia de habilidade com quo Deus o fadara, por não lhe poder dar tudo, dada a circumstancia de já lhe ter concedido presunção e agua benta, com a devida licença de tomar quanta quizerse.

Chamava-se, o nesso homem, o sr. Andrade, o Cá-Gorás, de quem a seu tempo nos occuparemos. Tinha por costume, quando encontrava o Antonio Pedro, levar a mão á aba do pêlo da seda—sempre muito ompetro-lizado—e saudá-lo o mais familiarmente que lhe era possível.

—Adous, colega!

O Antonio não era de exquisiticos, mas inquizilava-se com o ratão, que

tanta confiança tomara não tendo andado com ele na escola e, assim, nunca lhe ter dado daquella que... sempre fica.

—Quem é este colope, perguntou-nos um dia?

Explicámos o mais claramente que pudemos, mas ele nem muito apagadamento ficou sabendo quem era o seu assiduo cumprimentador.

Numa terça-feira, dia aziago para o nosso génio, quiz a pouca sorte do Andrade apresentá-lo mesmo á mão de remear.

—Boa tarde, colega—disse de lá o Andrade.

—Olhe lá, meu caro sonho—aproveitou logo o Antonio.—Quer ter a bondade de me dizer quem é?

—Não conhece o colega outra coisa! Sou o Andrade da Trindade.

—Ah!!!—fez o Antonio abrindo muito a bôca. Conhecia actores, actores maus, actores de m... M... d'actores é que ainda não conhecia!

E o Andrade deixou de mesurar o colega

* * *

Numa noite em que viera do João do Grão, escurissima tasca á Carreirinha do Socorro, rescedentes a pouco convidativos aromas galaicos e não galaicos, onde abarcavam os comicos de ha 50 anos, depois dos espectaculos e em fraterno convívio de amigos e não amigos, dirigira-se para a Baixa, em companhia do João Gil, sou inseparavel acólito, Pereira Cavamba, Marcelino Franco e outros, quando, nas alturas da rua Augusta, desatou a correr para a porta do predio onde está hoje a Casa das Meias—passe o roelano, na esperança de algumas peugas do seda com baguette—e applicou-lhe uma formidavel argolada. A janela do 1.º andar abriu-se e uma voz muito desesperada gritou de cima:

—Quem é o atrevido que bate a estas horas?

—O atrevido sou eu, minha senhora. Peço mil perdões. Mas queria perguntar se é ali que mora o senhorio?

—Não, senhor. E' lá em cima. Ora o valdevinos, o malcriado! E zais, janela nas ventas!

Segunda argolada, com mais força. A mesma estranheza, a mesma pergunta, a mesma decompostura. Terceira e quarta argoladas, cada vez com mais alma, o repetição da scena. Até que á quinta, apparece numa janela das trapeiras um velhote em camisa e barrete do dormir, que berra a todos os pulmões:

—E' preciso chamar a policia, seus malandrecos?

—Não, senhor—respondeu o Antonio. Só queria saber se é ali que mora o senhorio?

—E' sim, senhor. Que lhe deseja?

—Desejo pedir-lhe licença para... fazer uma necessidade aqui na escada.

O velho mandou o Antonio a qual-quer parte e ele... foi.

Raul Trigozo.

PROSA DE CHA VELHO

Mal com os homens...

«Mal com a tauromaquia por amor dos homens, mal com os homens por amor da tauromaquia». Não foi bem isto o que disse Afonso de Albuquerque, mas a ideia é a mesma e o dilema em que me vejo metido é o mesmíssimo.

Exigem-me os aficionados de «verdado»:

—Diga lá isto, diga lá aquilo. Ponha-me isso a direito, chame esse o aquele á ordem!

Docemente, suavemente, faço o que me pedem em brando «suelto». E a ameaça surge, tremenda, colérica.

Quando elogio alguém, nunca recibo agradecimentos, mas se a alguém tonho de ser desagradavel, é inevitavel o protesto.

Agora foi Albino Abranches que exigiu a publicação do seu nome nas referencias que a ele tivesse que fazer. Ora eu ocultava-lho o nome porque ele não figurava oficialmente em nenhuma especie de publicidade das corridas que tem organizado. E, como nada tenho contra ele, limitava-me a aludir vagamente ao autor de organizações de quo discordo.

—Que isto, e que aquilo, etc... Valha-me S. Marcos, que é o santo do touro!

Pois se tem sido Albino Abranches o organizador das ultimas corridas, com quem me tonho que haver na critica da sua organização?

Com o Nuncio?!

(Este Nuncio é o cavalleiro. Não julguem que é o de Sua Santidade).

* * *

Em compensação, chovem as adesões ao que temos escrito da morte das corridas de touro de morte.

Aficionados antigos, dos que ha muitos anos andam por Espanha, socios do Tauromaquico, «tertulianos» dos molhores, e, agora mesmo, temos sobre a mesa de trabalho uma carta do aficionado sr. José Vasconcelos, da Golegã, que começa assim:

«Li a sua cronica tauromaquica do Sempre Fixe, concordando em absoluto com o quo diz, referente á morte das corridas de touros.»

* * *

Mas, de todos os que se queixam, destaca-se um, ou uma, que é piramidal.

E' um homensinho quo tem publicado livrosco pretendendo ser-me desagradavel, além doutras pretensões inuitos.

Se, ante as suas arronmetidas, lhe dou com o bico da bota, é certo que se queixa lamuriento, pedindo-me quo não meta com a sua vida.

Accedemos; mas como o cavalleiro, certo da impunidade, insista no disparatos, voltamos a dedicar-lho um espaço que ele não merece. E o passaro volta a piar, lacrimoso.

Decididamente, com este tem que ser outra a solução.

Perez la chaise.



—Homem, tambem tu, de cabelo á escovinha?

—Que queres tu? Como não tinha dinheiro para o cortar, fiz-me imortal...

MODOS DE ANDAR

Breviario do viajante

Estamos, verdadeiramente, no tempo das férias. Todos devem mexer-se, sair para fóra do sitio. A higiene e aconselha, a saúde o manda. Os que não tem meio de se oferecerem um automovel ou qualquer outra carruagem que por si se mova, tem que se confiar ao caminho de ferro. E ha tal ou tais que diariamente o tem que fazer. A eles me dirijo: a arte de viajar em caminho de ferro é tão difficil como a outra, pois os regulamentos são tão complicados como severos.

Tivemos de os estudar e aqui deixaremos o resultado desse estudo, que bem merecia ser considerado de paciencia chinesa, antes do vulcão jorrar chamas...

Não me serão levados a mal os commentarios, que não pretendem sonhar percorrer a via humoristica e chegar á estação da desforra sem descarrilamento no paradoxo acalorado.

Os caminhos de ferro são do dominio publico (carta de lei de 20 de Julho de 1868, ainda em vigor). Eis o motivo porque só aos acionistas e ao Zé não são dados passes pela administração da C. P. Pois se eles são os donos... E' evidente—ou a logica é uma cabaça...—que tão somente os particulares precisam do passe para andar no que é dos seus donos gerais. Não sendo publico, carecem de um distinctivo, duma licença para se transportarem no dominio alheio. Passe, pois, em face dos bons principios utilitarios, o criterio de terem passe, bonus, descontos, etc., os que, e suas familias, não sejam publicos. Seria

fóra das boas regras dar passo aos proprietarios para passarem pelo que é seu, bolchevisticamente falando. Se os donos estão aflitos, passem á privada e poderão, assim, ser atisfeitas as suas necessidades passageiras, deixando viagem fóra! Passarão aliviados e particularizados e concorrerão para a socialização do dominio sensorial do fóra passageiro.

Em diversos pontos da linha haverá depositos de carruagens destinadas a completar os trens nos casos de necessidade. Ahi está porque põem lotação do passageiros. Suprimem os lugares para não acabarem com os clientes.

E ahi está, tambem, porque não ha carruagens ás partidas. Estão nos diversos sitios de necessidades. Para os que se manifestarem logo no principio, põem um comportamento reservado para os passageiros mais aflitos que deitem fóra... a viagem. Fica com tudo completo, sem necessidade de depositos nos casos da dita.

Tudo o comboio deverá conter carruagens de todas as classes em quantidade sufficiente para as pessoas que se apresentarem a tomar lugar. Esta obrigação, terminante para as Compañias e larga para todas as pessoas que se apresentarem a todo o comboio, descarrilou de ha muito por as linhas serem... do via reduzida. Foi por isso que a quantidade sufficiente é de todas as classes inferiores nos lugares...

O passageiro pode deixar o seu lugar em qualquer estação antes do destino. Como ninguem pode evitar a sua

sorte, e depois do ela se iniciar não evitará ir até ao fim, esta faculdade, certamente, tem em vista livrar de mais infortunios a seguir aos predeterminados que em certas alturas possam dar para onde os estão levando... Só eles é que costumam ficar na anterior donde o outro entra para o seu fim.

Os passageiros devem apresentar o seu bilhete aos empregados. Como, em boa norma, os ferroviarios não tem indicação de morada, as magradoras, desde que o ponham á vista, ficam satisfeitas todas as exigencias, sem necessidade de confessarem para onde vão ou mesmo onde hão de poisar. Os empregados é que terão de tomar conta com a apresentação... E quantos não merecem apressar-se...

Os trens (comboios, antes) serão iluminados externamente durante a noite. Ahi está a razão porque são sempre consideradas sem força as reclamações contra a escassez ou falta de iluminação interior das carruagens, quando atravessam as escuridões do céu ou da terra. O regulamento é sufficiente illuminador. Depois do sol se pôr, os passageiros podem ser levados ás escuras por dentro. De fóra é que deve haver iluminação. Gaiem-se por ela. Regulamentariamente, os comboios só são iluminados para uso externo nocturno, sem necessidade de agitar...

Só é permitido lugar dentro das carruagens ás pessoas munidas dum bilhete. Como o regula; ento não especifica a natureza do bilhete, os passageiros, sem incorrerem em contração, poderão mostrar, para a per-

missão do lugar, estarem munidos de um bilhete de visita, de teatro, de livro transito, do obrigatorio de identidade, de qualquer entrada, ou mesmo d'amór... dirigido á sua amada em ablativo de viagem. Sem nenhum desses bilhetes, ainda terao o recurso de se dirigirem para a maquina ou para os vagões... ou mesmo fóra das carruagens. E assim os levarão como munidos de bilhete para o outro mundo... Tendo dois, não entram...

São considerados generos frescos para serem transportados: agua potavel, artichas, castanhas verdes, coelhos, caracóis, coelhos, borregos ou leitões, cascos, e outros caça munda (monta ou mata, gado, manteiga e peçaria salgada). E por causa destas considerações tributadas pelos regulamentos que acontece o que acontece, mesmo mercetivamente... Os borregos mortos serem considerados vivos nas vias locomotoras, a manteiga com al ser tida como fresca, a sardinha salgada ser tida por fresquinha da costa, serem frescos o coelhos e a caça munda, mesmo morta, passar por vivinha—é frescura de mais...

Em todos os lançamentos fresquinhos só são esquecidos os trajas femininos, certamente pelo calor que eles causam pois que os vem transportar...

Calor na taxa considerativa apañam os demais produtos quentes...

E ha muito mais em que não insistimos por causa de algum cheque comum...

Joé Parreira.

Humorismo no estrangeiro



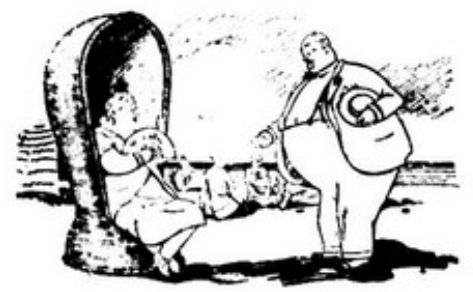
—O espirito de sua mulher vai materializar-se. —Ai, Deus, tirem daqui esta vassoura.



—Não tenhas duvida, o alcool causa muitos desgostos. —Cala-te, homem. No dia em que não bebo, até me doi o coração.



—Como sempre fóra de casa, porque a minha mulher não gosta nada de cozinhar. —Eu, pelo contrario.



—O espectáculo mais bello da praia é ver levantar a rede. —Ben vejo, D. Brigida, que as suas filhas estão a lançá-la...

JORGE, O ELECTRICISTA

O plantador d'eucalptos na Jamaica (Romance d'aventuras anfibias) Original de M. A. Caco Velho

Capitulo XVIII

andorinha. Subitamente, os seus pés poisavam na janela duma mansarda com batatas e Pikles atraía-a para um quarto, onde a fechava á chave, deixando-a sequestrada de Sintra. Quando a condessa acordou daquelo mau sonho, estava alagada em suor, como se se encontrasse tomando banho numa tina di Lorenzo. Premiu o botão da campainha electrica, aparcendo a criada Josefina, que já estava grossa, mas que não foi presontida pela condessa por vir em polvilhas bastos...

Capitulo XIX

Após a tempestade vem a bonan-

ça. Pikles, tendo apaziguado os primeiros impetos do Miss Cheviot, propôs-lhe um passeio no lago numa barquinha á vela de estearina. A joven, porém, não quiz á vela e por fim acordaram que fosse num gazolina, dirigindo-se logo para o cais de ventura no chão, mas o barco já tinha partido e só d'ahi a uma hora poderiam realizar o seu intento. Entretanto, oncaminharam-se para um quiosque japonês que ficava á entrada da mata Dias e que, apesar da hora matutina, estava á cunha leal. Um jazz-band executava uma partitura do abade Perosi. Pikles mandou vir chá-velho para si e Miss Cheviot leite encaroçado.

O centenário fez um cigarro do onça de Virginia Vitorino, recostando-se no mapple de pulha blanco. Os passarinhos, com seus gorgeios, animavam o ambiente, que convidava á confidencia. A joven, abrindo-se com o centenário, contou-lho que nascera no Perú recheiado, tendo vindo aos dois anos para Portugal com seu pai, fixando residencia em Tomar qualquer coisa na provincia da Estremadura de roer. Que ali vivera até á idade de 18 anos, data em que conheceu um tenente da Guarda Fis-

cal e avou, com quem casara, divorciando-se um ano depois. Dali seguiria para Caminha fóra, embarcando mais tarde para as ilhas Sanduiche de Jambre, onde casara em segundas nupcias com um grande lavrador de cacau e ao mesmo tempo gaudador, que possuia enormes mandadas de gado vacuum oil company. Ao principio, a vida conjugal decorreria num delirio branco. O marido tratava-a por minha bela-dona, dizia-lhe possuir um caracter brilhante de quatro quilates; porém, de um momento para outro, mudara completamente, mostrando-se brutal e sanguinario, chegando a ameaçá-la de a mandar acoitar por um preto no branco...

Aproveitando a saída de um vapor d'agua, Miss Cheviot fugiu para Lisboa, dirigindo-se para Alcaçer do Sal e pimenta, onde vivia uma sua tia. Ali se manteve, até que, obtendo o divorcio, seguiu com seu pai para Brezundela, onde estava ha cinco anos.

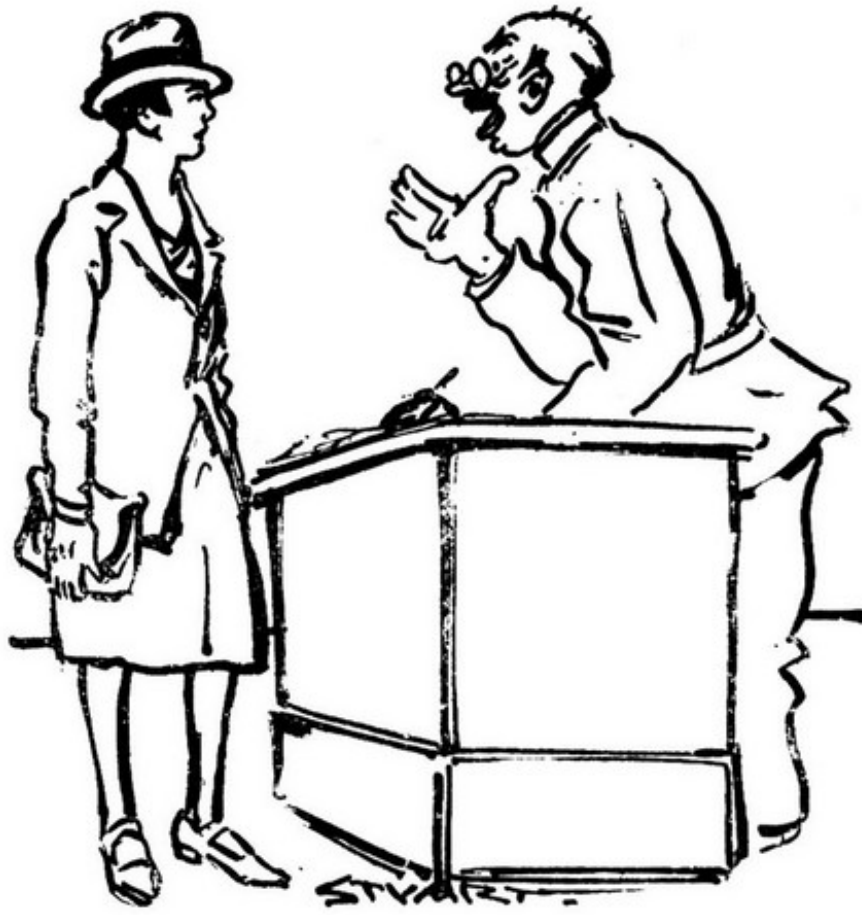
O centenário, que se comoveu com as desditas do Miss Cheviot, sentiu que duas lagrimas assomavam aos seus olhos e, deslisando pelas faces, caíram, uma no solo e outra no volante.

Capitulo XX

Terminado o repasto, como se se aproximasse a noite, Lim-Pó-Pó e sua esposa deliberaram fazer a retirada dos gumbuzinos para a outra banda, mas, receiando qualquer mau encontro, foram munidos de fogos de bengala de cana da India e d'algumas bombas de incendio. Lim-Pó-Pó calçava umas grossas botas de coloração de escada com laços e tapostos, as quais deixavam mareas na terra-cota as impressões digitais do pé cozinheiro. Caminhavam de braço dado, porque o terreno, cheio de acidentes e sincozes, dificultava-lhes a marcha hungara. Uma chuva miudinha começou caindo com tal persistencia que, dentro em breve, os deixava num puto-coelho. Uma palmeira serviu-lhes de albergue-nocturno. As aves aquaticas começavam a soltar pios, num grasnar incessante de orfeon academico. E cada vez chovia mais. De subito, um ruido estranho naquelas paragens se fez ouvir, semelhante ao reocar dum monstro colossal, primeiro mais ditante, mas com tendencia a aproximar-se. Lim-Pó-Pó soceçou a esposa que, cheia de medo, já tinha tremulos na orquestra.

(Continúa).

Indesejavel

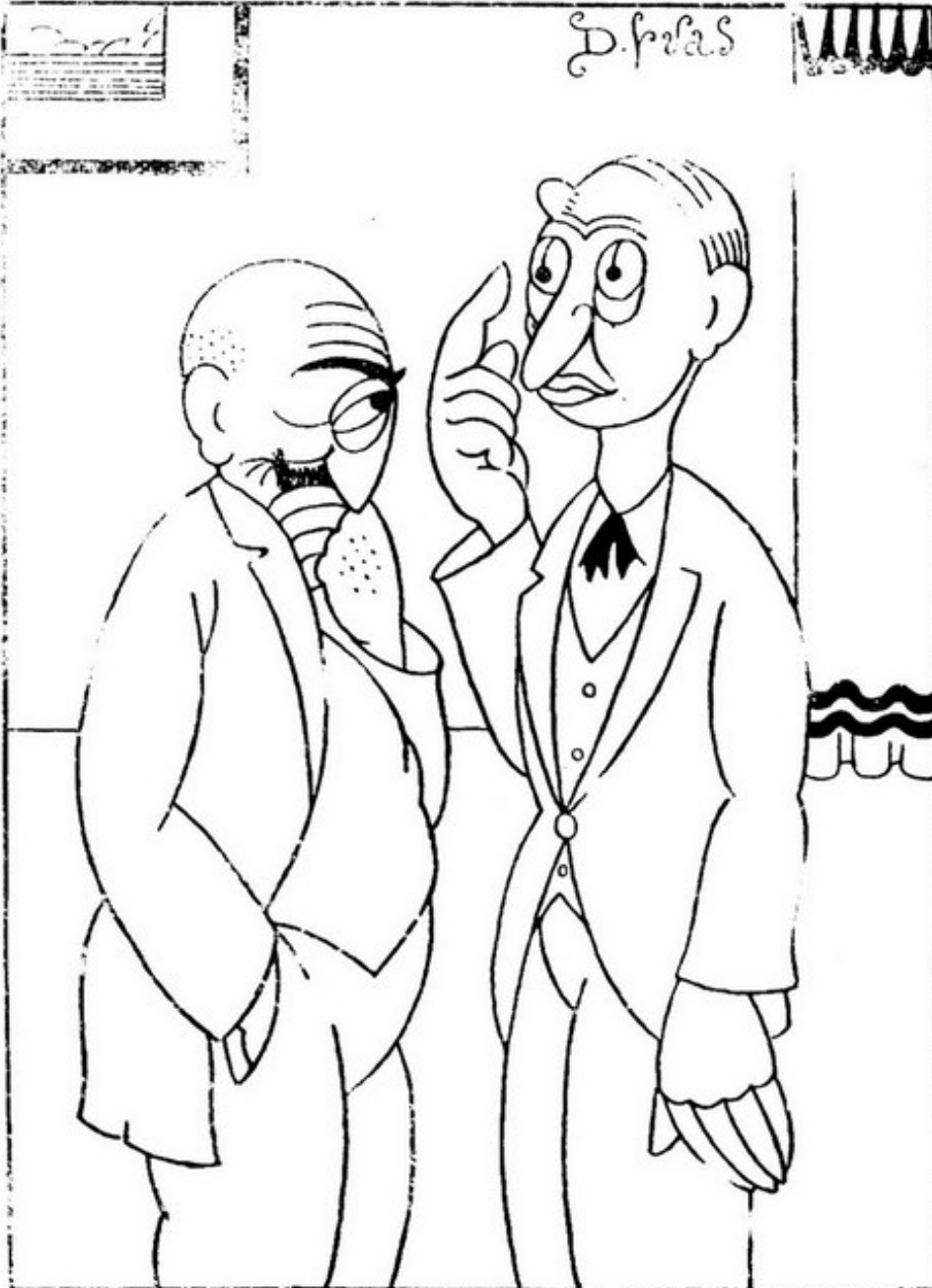


—Se a apanho cá outra vez mando-a pôr na fronteira belga.

—Mas eu não sou belga!

—Não faz mal, naturalisa-se.

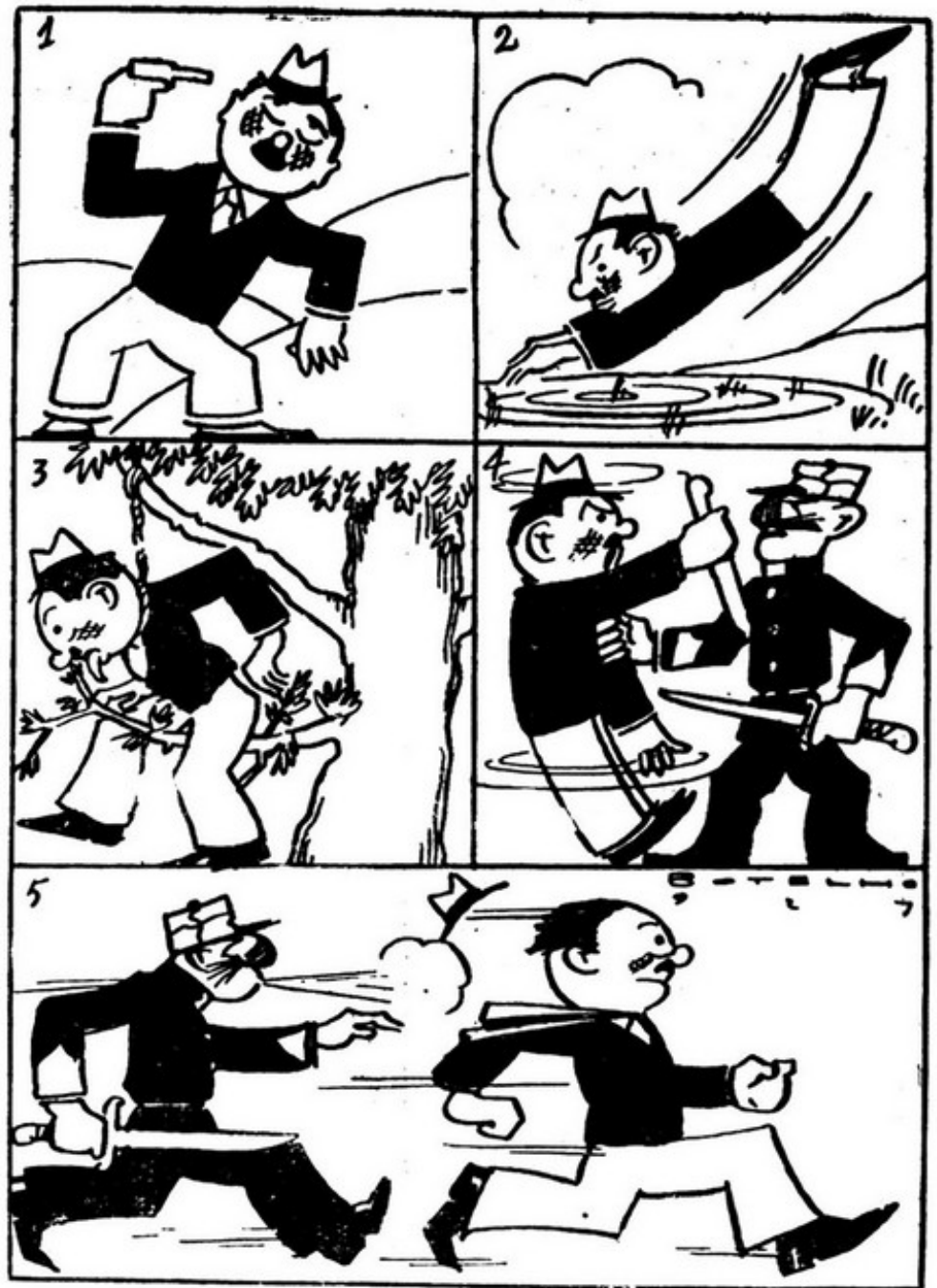
Estado da razão



—Senhor doutor, que será esta escrescencia que me apareceu aqui na testa?

— Isso deve ser alguma turra que a sua mulher lhe deu..

O suicida



1.º—Tobias, quero dar um tiro na mocha, mas a *pistola* encravou-se...

2.º—Queria deitar-se a afofar mas o *rio* tinha pouca agua.

3.º—Foi-se enforcar, mas, como a corda se partiu, ficou *encavalitado* num tronco da arvore.

4.º—Aparece um policia que, ao vêr estas coisas, o prende, havendo entre os dois alguma *esgrima*.

5.º—Numa certa altura Tobias parte om grande velocidade a beber um copo de agua da Companhia

Razão de Estado



—E por ser surdo não pode ser rel?

—Pois claro. Como queres tu que ele oiça os segredos de Estado?